

Forças do trabalho: movimento de trabalhadores e globalização desde 1870*

de Beverly Silver

Itinerários do capital e do movimento dos trabalhadores: desvio pelo passado, narrativa do presente.

Merilyn Escobar de Oliveira**

As alterações no mundo do trabalho combinadas à crise do movimento operário permitiram que muitos estudiosos sobre o tema decretassem o declínio de ambos, e até mesmo enfatizassem a perda da centralidade do trabalho na vida social e, portanto de sua relevância nas pesquisas acadêmicas. Neste cenário, palavras como “reestruturação produtiva”, “flexibilização da produção” e “precarização” pareciam anunciar uma nova era sem precedentes, marcada pela desmobilização dos trabalhadores.

Na contramão deste tipo de análise, Beverly Silver em *Forças do Trabalho* (2005), retoma a metodologia da macrosociologia histórica e das análises comparativas para demonstrar que, de 1870 a 1996, as agitações trabalhistas e seus retrocessos se misturam à dinâmica do capitalismo histórico. A autora sugere que o acirramento dos efeitos impactantes da política neoliberal de nossa atualidade, corresponde a um dos ciclos de organização e desorganização da classe trabalhadora, que renovam ou enfraquecem seu poder de luta. O livro surge como um estudo mais específico e aprimorado do que a coletânea organizada em parceria com Giovanni Arrighi (2001), *Caos e governabilidade no moderno sistema mundial*.

Combinando frequência de acontecimentos e “história longa”, a autora tece a narrativa de um mundo baseado na relação capital-trabalho. A base de dados do *World Labour Group*, fonte da pesquisa minuciosa e sistemática de Silver, foi elaborada com informações sobre ações coletivas extraídas de dois grandes jornais, *Times* (Londres) e *New York Times* (Nova York), e, pode ser conferida juntamente com os detalhes metodológicos da pesquisa no apêndice disponível no final do livro.

Ao recompor o itinerário da classe trabalhadora ao longo do século XX, Silver destacou como o capital, por meio de incessante mobilidade global de investimento, migrou de um país a outro, atravessou fronteiras e continentes para se instalar em locais que fossem propícios ao que a autora denomina de *colonização financeira e produtiva*. Conseqüentemente, investiu em formas lucrativas, como a produção agro-exportadora e a indústria, criando simultaneamente a massa de trabalhadores que posteriormente viria

* São Paulo: Boitempo, 2005.

**Mestranda em Ciências Sociais pela PUC-SP e pesquisadora do NEILS.

provocar conflitos, agitação e reivindicações inerentes à relação capital-trabalho.

Com vistas a comprovar a tese de que “para onde vai o capital, o conflito vai atrás”, a autora recorre ao conceito de “soluções espaciais”, formulada por David Harvey (1982; 2004), e se concentra nas estratégias ou soluções que foram recorrentes no desenvolvimento do processo capitalista para adiar ou controlar crises de superacumulação de capital e mão-de-obra.

A autora enumera quatro tipos de “soluções”: “soluções espaciais”, com o deslocamento geográfico da produção; “soluções tecnológicas/organizacionais”, como a introdução de tecnologias para reduzir a mão-de-obra e a reestruturação das organizações corporativas (terceirização e expansão das relações trabalhistas contingentes); “solução de produto”, que promove o deslocamento do capital para novas linhas de produção, menos sujeitas à competição de mercado ou conflitos de trabalhadores; e a “solução financeira”, que desloca integralmente o capital da produção para as finanças e a especulação. (Silver, 2005: 12)

Simultaneamente às “soluções” criadas pelo capitalismo para enfraquecer ou fugir dos movimentos trabalhistas fortes, a cada nova investida do capital, uma nova classe trabalhadora se criava. O contínuo fazer-se /refazer-se da classe trabalhadora no mundo acaba por sinalizar que os conflitos e agitações trabalhistas, ao invés de terem chegado ao fim, estariam dispersos e desorganizados em lugares e tempos distintos.

Centrando o foco nas contradições sociais que transformam o trabalho em uma “mercadoria fictícia”, Silver examina as “soluções” capitalistas à luz das teses de Karl Marx e Karl Polanyi sobre a relação entre, por um lado insatisfação e resistência operária e, por outro, os processos de acumulação capitalista em escala mundial. De Marx a autora aproveita a análise da contradição capital-trabalho como mola propulsora da dinâmica capitalista ao longo da história mundial, com foco no local de produção. E de Polanyi, a autora enfatiza como esta dinâmica se deu de forma pendular no mercado de trabalho, no que tange à sua regulamentação e desregulamentação.

Beverly Silver demonstra como a trajetória das manifestações trabalhistas e da reestruturação capitalista está imbricada à dinâmica na formação dos Estados, da guerra e da política mundial. A partir daí, apreende os movimentos dos trabalhadores como “catalisadores” das mudanças estruturais em escala mundial.

No entanto, a pergunta mais insistente que permeia *Forças do Trabalho* refere-se ao poder dos trabalhadores em influenciar políticas a seu favor. A aposta da autora recai sobre o internacionalismo operário, merecendo um capítulo inteiro – “A dinâmica contemporânea em perspectiva histórico-mundial” - que tenta examinar a relação entre, por um lado, o poder dos trabalhadores e, por outro, os Estados e as instituições e empresas transnacionais.

Segundo Beverly Silver, o fenômeno “global, transnacional, multinacional” é o responsável pela destruição gradual das fronteiras dos Estados-Nação, na medida em que diminui o lugar deste ator político no cenário mundial. Desta forma, criaram-se desafios para os movimentos dos trabalhadores, que agora se defrontam com as mesmas organizações internacionais numa dimensão mundial.

A autora acredita que este fenômeno tenderia a criar uma classe trabalhadora global. Todavia, neste ponto, a análise de Silver, parece frágil, justamente porque a classe trabalhadora está dispersa e aglomerada em locais distintos do mundo e por setores de produção, o que dificultaria ações coletivas integradas globalmente.

A análise de Beverly Silver, ao se concentrar na dinâmica da globalização como sistema mundial, se distancia das abordagens que tomam o Estado como “central” na relação com as mudanças políticas mundiais, e como principal antagonista dos movimentos dos trabalhadores e outros movimentos sociais.

Mesmo considerando que as preocupações da autora não se concentram diretamente nas questões do Estado, as limitações de *Forças do Trabalho* advêm do arcabouço teórico restrito, que não permite, além de uma análise mais detida e sofisticada do Estado, um exame qualitativo e mais aprofundado de questões fundamentais tais como: a identidade da classe trabalhadora; o poder dos sindicatos e partidos políticos de orientação operária; e o exame das ideologias que poderiam ou não influenciar o poder dos trabalhadores em se lançar à ação coletiva.

No entanto, a grande contribuição de *Forças do Trabalho* está no debate que suscita acerca dos movimentos dos trabalhadores e sua dimensão estrutural em longa escala de tempo e espaço, com destaque para as contradições entre trabalhadores e capitalismo.

Neste sentido, a essência da pesquisa de Beverly Silver nos remete a uma das frases mais célebres de Marx sobre o processo de constituição/reconstituição do proletariado em classe e seu poder de luta mediante os desafios impostos pelo capitalismo histórico: “Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem, não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”. (1978: 329)

Bibliografia

- ARRIGHI, G. & SILVER, B. (2001). Caos e governabilidade no moderno sistema mundial. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora UFRJ.
- MARX, K. (1978). O 18 de Brumário de Luís Bonaparte. In: GIANOTTI, J. A.. Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos. 2.Ed. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores).
- SILVER, B. (2005). Forças do Trabalho: movimento de trabalhadores e globalização desde 1870. São Paulo: Boitempo.